

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 números, 13000 réis; 25 números, 500 réis.
Fora de Aveiro: 50 números, 13125 réis; 25 números, 570 réis. Brazil (incluindo forte) e Africa Oriental, 50 números, 25000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Anúncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada linha, 20 réis; anúncios permanentes, preços convencionaes. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. — Redacção e administração, rua da Alfandega, n.º 7.

N.º 386

Aveiro

JOSÉ ESTEVÃO

A benemerita comissão do monumento não descança no seu patriótico empenho de dar às próximas festas aveirenses, em honra do maior filho d'esta terra e d'um dos maiores cidadãos portuguezes, todo o brilho e luzimento que requerem.

Sabemos que já officin a Junta Geral, a Camara Municipal, ao Gremio Aveirense, a Associação Commercial, Companhia de Bombeiros, Club Fluvial e Associação de Soccorros Mutuos, convidando-as a tomar parte activa e directa na grande festa da cidade.

Incitar essas corporações a responder ao appello da benemerita comissão seria duvidar do espirito liberal e patriótico que as deve animar e que, de facto, anima e domina a maioria d'ellas. Se qualquer, porém, se esquecer do que deve a si propria, á cidade e ao districto, então falaremos sobre o caso.

Entretanto, se por ora é de crer que todas tenham boa vontade de fazer alguma coisa, a indolencia, infelizmente, dos nossos homens é tão característica, que não se torna superfluo lembrar que o tempo urge e que, a querer-se fazer alguma coisa, tem de se começar desde já a pensar e a trabalhar n'isso. Temos só dois mezes deante de nós, e dois mezes, para quem tem o costume de adiar tudo para o dia de amanhã, costume indigena muito inveterado, passam sem se sentir. Ora chegarmos ao fim sem nada feito ou por má vontade ou por desleixo, o resultado é o mesmo e igualmente condemnavel. Que importa que todos tenham muito boa vontade, se ninguem se mexer nem trabalhar?

E o nosso receio é esse; é que todos se comecem a encolher e a encostar uns aos outros e se chegue ao fim sem se obter o realce e o brilhantismo que as festas devem ter.

Não seria o primeiro caso em Aveiro, infelizmente! Mas como vergonhas já nós temos muitas, bom será que evitemos mais essa.

Trabalhem, pois, e trabalhem com denodo. Sejamos um por todos e todos por um n'essa grande festa de liberdade e de civilização. Unâmos os nossos esforços. Ponhamos de parte todas as puerilidades que tantas vezes esterelizam os melhores, os mais grandiosos emprehendimentos. E n'um rasgo unanime de patriotismo, n'um esforço commum de sinceridade e bom querer, ergamos mais uma vez a nossa terra aos olhos do paiz, que se muitos tem sido os nossos desleixos, muitos tem sido tambem os nossos dias de gloria e grandes os nossos serviços á liberdade e á civilização. E nenhum dia pôde ser mais glorioso que o dia 12 de agosto! E na nossa lista de serviços figura bem e tem seu brilho esta commemoração que vamos fazer do eminente orador da democracia, do valoroso soldado da Serra do Pilar!

A Camara Municipal, princi-

palmente, não pôde ficar de braços cruzados, como já n'outro dia dissémos, antes tem que fazer muito, porque é ella, bem ou mal, a expressão do povo, do povo d'esta terra que por tantos titulos rende o mais sincero preito e vota a maior veneração á memoria do grande tribuno da liberdade.

Insistiremos em aguilhoar a camara porque sendo um foco de reaccionarios, como é, sendo o seu presidente o homem que mais tem, por tantos modos, deshonrado esta terra, sendo uma das maiores deshonras a fraqueza com que esta tolerou as injurias e affrontas crispadas no nome de José Estevão; sendo a camara, repetimos, um foco de reaccionarios e sendo Manuel Firmino o homem que mais odiou José Estevão e que mais odeia ainda a sua memoria, ha de por todos os meios pretender furtar-se aos festejos commemorativos do 12 d'agosto. Por isso a chamaremos constantemente ao seu dever, e ai d'ella se o não cumprir!

Não é só encher a barriga com o dinheiro roubado aos municipios. Não é só esbanjar sommas enormes em festanças ao rei e em outras loucuras. Gastem agora o sufficiente para honrar Aveiro e a memoria do seu filho mais dilecto.

Assim o quer o povo. E os figurões de todos os partidos hão de se convencer de que só o povo tem auctoridade e direito para mandar e querer.

Cumpram o que o povo quer e o que o povo manda, que não nos fazem favor nenhum. Não admittimos favores em questões d'estas. Só admittimos e reconhecemos o Dever.

Voltaremos ao assumpto, que o assumpto é largo e urgente.

MAIS OUTRA PATIFARIA

Não tem fim! Accumulam-se as patifarias, atropellam-se as infamias, repetem-se incessantemente as maroteiras. E' um nunca acabar.

E ainda haverá quem dê um voto aos firmínos! Ainda haverá um homem n'esta terra, que não tenha vergonha d'apertar a mão áquelles biltres!

As informações, que nos chegaram sobre o caso que vamos relatar, foram-nos fornecidas por pessoa de toda a confiança. São por conseguinte verdadeiras na sua essencia, ainda que sejam estupendas d'escandalo e pouca vergonha. Entretanto, procuraremos sobre ellas, nos seus detalhes, novas informações para corrigir qualquer pequeno erro que possa haver ou para no domingo as confirmar em absoluto.

O caso é este.
O galopim de Cacia Antonio Euzebio Pereira é um apoio sólido do firminismo pelitro. Por conseguinte, para mestre Pereira não ha escrupulos nem hesitações na synagoga dos ciganos. Faz-se a mestre Pereira o que mestre Pereira quer.

Ora mestre Pereira tinha um filho recenseado o anno passado e não queria que elle fosse para soldado. Prometteu-se a mestre

Pereira salvar o filho na inspecção. Mas ajunta revisionista que não esteve para aturar firmínos, nem trincas espinhas, nem carneiros, nem chiteiros, apurou o rapaz para lanceiros.

O sr. firmino ficou zangado mas não teve remedio senão engulir a pilula e tratar de nova escamoteação. Agarrando-se ao § 4.º do art. 49 da Lei de 12 de setembro de 1887, fez com que o rapaz fosse inspecionado segunda vez em Vizeu. Mas o rapaz foi apurado para caçadores a cavallo.

Oh manes do diabo! Que fazer?

Outra escamoteação do famoso engulidor d'espadas o sultão Pantomineiro Magno e de seu honradissimo e prezadissimo genero. Agarraram-se outra vez á Lei (por irrisão se lhe chama lei, claro é) e em nome do n.º 1.º do art. 40 dêram o rapaz, que é moço de padeiro, por estudante!

E' espantoso!

Diz o referido art. 40:

«Em tempo de paz pôde ser addiado o alistamento aos manebos que provarem estar em qualquer d'estes casos:

1.º Não poder interromper sem grande prejuizo a sua aprendizagem, ou os seus estudos.

2.º... etc.»

Ora, primeiro que tudo, esse addiamento tem que ser pedido antes da inspecção, não é depois.

Em segundo lugar, o filho de Euzebio Pereira não podia soffrer prejuizo nenhum ou interromper os seus estudos, pelo simples motivo de que nunca estudou.

Não obstante, o mestre régio (!!) de Cacia passou-lhe um attestado, o prior outro, testemunhado por João Faria, pelo Valinho e por José João Ferreira, o rapaz ficou addiado á espera de uma junta mais docil que o dê por incapaz, e entrementes foi para Lisboa completar os seus estudos... n'uma padaria.

E em lugar d'estes marmanjos lá vão os filhos do povo envergar uma farda, pagando injustamente o mais violento e o mais pesado de todos os impostos!

Isto já não vae senão a tiro.

Arre, ladrões!

NÃO É JORNALISTA!

É LADRÃO!

Parece impossivel, na verdade, que essa quadrilha de malandros, que representa o elemento firminista, tenha chegado a ter alguma influencia n'esta terra! Parece inacreditavel! E' realmente extraordinario, tamanha baixeza, tanta degradação esse facto representa para Aveiro! Mas a verdade é que a teve. A verdade é que a malandragem chegou mesmo a dominar e a dirigir os destinos da patria de José Estevão!

Isto é uma enormissima vergonha. Seria mesmo o golpe mais certo e mais incuravel na reputação dos aveirenses, se não conseguissem quasi rehabilitar-se por um acto de brilhante energia e extraordinario vigor como foi o

da expulsão das irmãs da caridade.

E', porém, necessario completar esse grande trabalho de reabilitação. E' indispensavel lavar a macula de tudo. Podemos expulsar com irmãs da caridade, que, enquanto houver um firmino n'esta terra com a minima parcella d'influencia e poderio, a nodoa subsiste, e subsiste funda, e subsiste com todas as circumstancias aggravantes d'uma deshonra immensa. Lavemo-nos, pois.

Aveiro subiu immenso na consideração do paiz com a expulsão das irmãs da caridade. Cobrin-se de gloria e, com orgulho o dizemos, é hoje apontada em toda a parte como uma das cidades mais nobres, mais independentes e mais altivas de Portugal.

Não deixemos, então, que murchem esses louros, tão corajosa e tão trabalhosamente adquiridos. Aveiro vae de gloria em gloria. Hontem a expulsão das irmãs da caridade. Amanhã a apothose de José Estevão. Que esplendorosa, que grande, que nobilissima e honrosissima para nós não vae ser esta tão significativa e tão patriótica festa! Mas, no meio de tudo... Manuel Firmino d'Almeida Maia é o presidente do municipio e é elle quem ainda hoje mais ou menos preside em tudo e por tudo aos destinos d'esta terra!

A par de tanta gloria que Aveiro tem adquirido nos ultimos mezes, que vergonha, que enormissima vergonha!

Que vergonha ser preciso um combate collossal, como este que nós temos sustentado, para derribar meia duzia de homens, que, n'outro paiz, bastaria um official de justiça para esmagar com o peso da lei e da indignação publica!

Que vergonha estarem escrevendo a cada passo, e com certa razão, os órgãos d'essa quadrilha, que é tão grande a influencia e a auctoridade do seu chefe, que são necesarios comícios, artigos continuos e interpeleções no parlamento para o deitar abaixo!

Tem razão os pasquins. N'um paiz moralisado não seria preciso tanto, nem coisa nenhuma d'essas. Porque Manuel Firmino de Almeida Maia em vez de presidente do municipio, em vez de governador civil substituto, em vez de chefe de grupo politico, como chefe de ladrões e assassinos que é seria o ultimo malandro de qualquer Penitenciaria.

Eis a chaga viva da monarchia. E eis mais, infelizmente, eis a grande vergonha d'Aveiro.

Essa influencia e esse poderio tão apregoado, para combater os quaes são, tristemente, necesarios, na verdade, comícios, artigos jornalisticos e interpeleções no parlamento, é a grande nodoa d'Aveiro!

Depois de tantos documentos e tantas provas publicadas n'este semanario, podemos affoitamente dizer que são mais canalhas do que Manuel Firmino e quejandos, todos aquelles que os seguem ainda. São mais indecentes do que os indecentissimos malandros todos aquelles que consideram ainda o firminismo um grupo politico, em vez d'uma quadrilha de ladrões que não

recuam deante de melo algum para explorar e roubar os cidadãos desprevenidos e ingenuos.

Lavemos a affronta. Apaguemos a nodoa esragando a vibora. Para honra futura d'Aveiro, para que a nossa reabilitação seja sincera, e como tal admittida e accete, é indispensavel que o firminismo desapareça completamente d'entre nós. Emquanto o firminismo fór qualquer coisa politica, emquanto tiver a minima ingerencia nos negocios publicos, Aveiro será uma terra deshonrada e perdida no conceito do paiz.

Mas o povo é patriótico e digno. O povo, que tem sido illudido por essa cafila de traficantes sem nome, por essa ciganada infame que acampon em Aveiro, já começou a reconhecer a sua illusão e ha de fazer na hora apropriada justiça completa, arremesando os canalhas ao monturo d'onde surgiram. O nobre povo de Aveiro, que apupou o capitão de ladrões na mais extraordinaria manifestação que se tem realisado entre nós, que por tantos modos manifesta o seu afastamento solemne e eterno da corja vil que o deshonra, saberá manter as glorias e o bom nome da sua terra natal, lavando de vez a nodoa que mancha por emquanto a formosa patria de José Estevão.

N'elle confiamos e não confiamos mal.

Segue-se a continuação do documento que no domingo passado começamos a publicar.

Por elle verão os leitores que a ladroeira não é um facto isolado no firminismo. Pelo contrario, é um systema, é um modo de vida perfeitamente regulamentado e definido. As mesmas respostas que Manuel Firmino deu nos protestos das letras que lhe diziam respeito, são as mesmas, *mutatis mutandis*, que Fernando de Vilhena dá. Os mesmos processos do pae são os mesmos processos do filho. Os mesmos artificios, os mesmos expedientes torpes, as mesmas intrujices!

Se estes dois malandros escrevessem uma *Arte de Furtar*, não fariam melhor obra que o padre Antonio Vieira?

No domingo faremos a comparação d'estes dois gatunos. Por hoje, que não temos espaço para mais, basta esta estatística curiosa:

Dezesete vezes Fernando de Vilhena respondeu que não pagava **dezesete lettras por lhe terem faltado uns fundos com que contava!**

Tres vezes, que não pagava as tres lettras respectivas **por ser apresentante d'ellas seu sogro Antonio Pereira Junior!!!**

Uma vez por não estar exarada na lettra a firma do saccador e apresentante e **ignorar portanto a quem a havia de pagar!!!**

Outra vez por o vencimento da lettra se ter effectuado no dia antecedente!!!!

Tres vezes porque a lettra só se vencia d'ahi a dias!!!!

Outra vez que não pagava sem liquidar contas com o credor!!!!

Duas vezes por não lhe ter sido a letra previamente apresentada para o accete!!!!!!

Outra vez por o credor já ter morrido!!!!!!

Outra por a importância da letra ser maior que o seu debito ao credor!!!!!!

Outra que não aceitava a letra porque a não devia accetar!!!!!!

Outra que a não pagava porque a não devia pagar!!!!!!

E doze vezes se ausentou em dias de vencimentos sem dar cavaco as tropas!!!!!!

Tanto innocente na Penitenciaría e este grande ladrão á solta!

Segue a continuação dos documentos:

Vigésimo—Protesto feito em dezesseis de junho de mil oitocentos oitenta e cinco, d'uma letra de dezesseis mil e cem réis, valor de papel. Saccador, David Corazzi, de Lisboa. **Responden o acceltante que não pagava a letra sem que liquidasse contas com o saccador.**

Vigésimo primeiro—Protesto feito em trinta e um d'agosto de mil oitocentos oitenta e cinco, d'uma letra de vinte e oito mil e seiscentos réis, valor de fazendas fornecidas pelos saccadores Marques & Irmão, de Lisboa. **Responden o acceltante que, tendo-lhe faltado uns fundos com que contava, não podia então pagar esta letra, o que faria logo que lhe fosse possível.**

Vigésimo segundo—Protesto feito em trinta de setembro de mil oitocentos oitenta e cinco, d'uma letra de cento e quatorze mil trezentos e cinquenta réis, valor recebido em dinheiro. Credor, Augusto Cesar de Almeida Pinto de Souza, de Aveiro. **Não sendo encontrado, foi intimado na pessoa de seu cunhado José Maria Barbosa de Magalhães, que respondeu que, tendo-se ausentado o acceltante seu cunhado sem lhe deixar instruções sobre esta letra, por isso a não pagava.**

Vigésimo terceiro—Protesto feito em vinte de outubro de mil oitocentos oitenta e cinco, d'uma letra de cento e sete mil quinhentos e setenta réis, valor de papel. Credora, a direcção da Companhia da Fabrica de Papel do Prado, em Thomar. **Não sendo encontrado Fernando de Vilhena, foi intimado na pessoa de sua mãe Dona Maria d'Arrabida de Vilhena d'Almeida Maia, a qual respondeu que seu filho se ausentara sem lhe dizer nada sobre esta letra, e portanto a não pagava.**

Vigésimo quarto—Protesto feito em trinta de dezembro de mil oitocentos oitenta e cinco, d'uma letra de cento e quinze mil quatrocentos e cinquenta réis, valor recebido em dinheiro. Credora, Dona Virginia Adelaide de Carvalho, de Aveiro. **Não sendo encontrado o referido Fernando de Vilhena, foi portanto intimado na pessoa de seu empregado Francisco Dias de Moura, o qual respondeu que não estando em casa seu patrão, e não lhe tendo deixado ordem alguma sobre a letra a não pagava.**

Vigésimo quinto—Protesto feito em cinco de janeiro de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra de noventa mil réis, valor recebido em papel fornecido pela credora a Companhia da Fabrica de Papel do Prado, em Thomar. **Responden Fernando de Vilhena que, tendo-lhe faltado uns fundos com que contava, não podia então pagar a letra.**

Vigésimo sexto—Protesto feito em quatro de fevereiro de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra de vinte mil e oitocentos réis, valor recebido em papel do saccador Fructuoso do Nascimento Leite Ribeiro, da cidade de Coim-

bra. **A mesma resposta que no ultimo.**

Vigésimo sétimo—Protesto feito em oito de fevereiro de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra de quarenta e sete mil cento setenta e cinco réis, valor recebido em dinheiro. Saccadores, P. Gerod & Companhia, da cidade do Porto. **A mesma resposta.**

Vigésimo oitavo—Protesto feito em vinte de março de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra de trinta e sete mil novecentos e quinze réis, valor recebido em papel do saccador Fructuoso do Nascimento Leite Ribeiro, de Coimbra. **Não sendo encontrado, foi intimado na pessoa de sua esposa, a qual respondeu que, tendo seu marido sabido de casa sem lhe deixar ordem alguma sobre a letra, a não pagava.**

Vigésimo nono—Protesto feito, por falta d'acceite, em treze de maio de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra de quarenta e nove mil e quinhentos réis, valor recebido em fazendas da saccadora a empresa da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande. **Responden Fernando de Vilhena que a não acceltava por não dever accetar.**

Trigésimo—Protesto feito em vinte e um de maio de oitenta e seis, d'uma letra de quarenta e nove mil e quinhentos réis, valor recebido em fazendas da empresa da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande. **Responden que a não pagava por não a dever pagar.**

Trigésimo primeiro—Protesto feito em vinte e seis de maio de mil oitocentos oitenta e seis, de uma letra de trinta mil seiscentos e oitenta réis, valor de papel. Saccadora, a fabrica da Abelheira, do Porto. **Responden Fernando de Vilhena que se costumava pagar esta letra em trinta e um d'aquelle mez e por isso não estava n'aquelle data prevenido com fundos para a pagar.**

Trigésimo segundo—Protesto feito em vinte e nove de maio de mil oitocentos oitenta e seis, de uma letra da Republica Franceza, do valor de duzentos e setenta mil oitocentos e oitenta réis, valor por saldo. Saccadores, Deberny et Compagnie, de Paris. **Responden que em virtude da correspondencia trocada entre elle e os saccadores, acceltava a letra a pagar somente em vinte e tres d'agosto de mil oitocentos oitenta e seis, dia em que faria o seu prompto pagamento.**

Trigésimo terceiro—Protesto feito em trinta e um de maio de mil oitocentos oitenta e seis, de uma letra franceza do valor de duzentos e setenta mil oitocentos e oitenta réis, valor por saldo, e saccada em Paris por Deberny et Compagnie. **Responden que não a pagava nem mesmo acceltava o protesto, por isso que se responsabilisava pelo pagamento no dia a que se referiu no protesto ultimo.**

Trigésimo quarto—Protesto feito em tres de agosto de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra portugueza de dez mil seiscentos e cinquenta réis, valor recebido em papel de compôr capas de livros. Saccador, Antonio José da Silva Teixeira, do Porto. **Responden que não pagava por ter mandado satisfazer a sua importancia no Porto.**

Trigésimo quinto—Protesto feito em vinte e seis de agosto de mil oitocentos oitenta e seis, de uma letra ingleza do valor de seiscentos sessenta e nove mil setecentos e sessenta réis, importância de dez caixas contendo material typographico, embarcadas em Londres no vapor Cadiz com destino a Lisboa. Saccadores, Antoni Waod and Company, da cidade de Londres. **Responden Fernando de Vilhena que não acceltava a letra, nem tão pouco recebia o ma-**

terial a que ella se refere porque nada queria receber pela via do apresentante Antonio Pereira Junior.

Trigésimo sexto—Protesto feito em trinta de agosto de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra ingleza do valor de setecentos quarenta e cinco mil cento sessenta e oito réis, proveniente de dez volumes com material typographico embarcados em Londres no vapor *Hamburgo* para o Porto. Saccadores, A. W. Carolon and Company, London. **Responden Fernando de Vilhena que não acceltava nem pagava a letra, nem mesmo recebia o material a que ella allude, porque so tinha pedido para a Inglaterra algumas amostras de typo, mas não tão grande quantidade como a que lhe enviaram.**

Trigésimo sétimo—Protesto feito em vinte e dois de setembro de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra portugueza de quarenta e nove mil e quinhentos réis, valor recebido em fazendas da saccadora a empresa da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande. **Responden que não pagava então a letra por lhe terem faltado uns fundos com que contava.**

Trigésimo oitavo—Protesto feito em quatro de novembro de mil oitocentos oitenta e seis, de uma letra de cento trinta e seis mil e cincoenta réis, valor recebido em dinheiro. Credor, Augusto Cesar de Almeida Pinto de Souza, d'Aveiro. **Não sendo encontrado, foi intimado na pessoa de seu empregado Francisco Dias de Moura, o qual respondeu que não pagava a letra porque seu patrão se achava a banhos fóra da cidade e nenhuma ordem lhe déra a tal respeito.**

Trigésimo nono—Protesto feito em vinte e dois de dezembro de mil oitocentos oitenta e seis, d'uma letra de cinquenta e um mil quinhentos e oitenta réis, valor recebido em fazendas da saccadora a empresa da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande. **Responden o dito Vilhena que não pagava por lhe terem faltado uns fundos com que contava.**

Quadragesimo—Protesto feito em vinte e cinco de janeiro de mil oitocentos oitenta e sete, de uma letra de quarenta e quatro mil duzentos e oitenta réis, valor de fazendas. Saccadores, Rodrigues & Rodrigues, de Lisboa. **Responden que não acceltava a letra, visto o seu curto praso, e ainda por ella não ter sido previamente apresentada para o accete, como cumpria ao portador João da Silva Mello Guimarães.**

Quadragesimo primeiro—Protesto feito em nove de fevereiro de mil oitocentos oitenta e sete, d'uma letra de quarenta e quatro mil duzentos e oitenta réis, valor de fazendas. Saccadores, Rodrigues & Rodrigues, de Lisboa. **Responden que não pagava pelas razões expostas no anterior.**

Quadragesimo segundo—Protesto feito em tres de novembro de mil oitocentos oitenta e sete, d'uma letra de quarenta e cinco mil réis, valor de fazendas diversas. Saccador, Carlos Roque, do Porto. **Não sendo encontrado, foi intimado na pessoa de seu empregado Francisco Dias de Moura, o qual respondeu que, estando o acceltante ausente e não lhe havendo deixado ordem alguma sobre a letra, por isso a não pagava.**

Quadragesimo terceiro—Protesto feito em quinze de dezembro do mesmo anno, d'uma letra de cento sessenta e nove mil e setenta réis, valor de fazendas diversas. Saccador, Carlos Roque, do Porto. **Responden Fernando de Vilhena que o seu credor era Antonio de Mello Roque, que fallecera, e não**

conhecia o saccador Carlos Roque com quem não tinha contas, e por isso a não pagava.

Quadragesimo quarto—Protesto feito, por falta d'acceite, em vinte e nove de dezembro de mil oitocentos oitenta e sete, d'uma letra da Republica Franceza, do valor de quarenta e cinco mil setecentos vinte e cinco réis, proveniente de material typographico. Saccador, A. Saintignon, rue Notre Dame-des-Camps, Paris. **Responden que não acceltava a letra porque não fóra ainda entregue dos objectos que comportavam o valor d'ella, mas que o faria logo que os recebesse.**

Quadragesimo quinto—Protesto feito em dezeseite de janeiro de mil oitocentos oitenta e oito, d'uma letra de trinta mil réis, valor de papel. Saccador, Antonio José Lisboa, de S. Jeronymo, Braga. **Responden que não pagava a letra por lhe terem faltado uns fundos com que contava, mas que o faria logo que lhe fosse possível.**

Quadragesimo sexto—Protesto feito em sete de junho de mil oitocentos oitenta e oito, d'uma letra de quarenta e sete mil duzentos noventa e cinco réis, valor de objectos de ferro fornecidos pelo saccador Antão José Dias, de Vianna do Castello. **Não sendo encontrado o acceltante, foi intimado na pessoa de sua creada Conceição da Silva, a qual respondeu que seu amo se havia ausentado sem saber para onde e não deixara ordem alguma sobre a letra, pelo que a não pagava.**

Quadragesimo sétimo—Protesto feito em quinze de junho de mil oitocentos oitenta e oito, de uma letra de vinte e oito mil novecentos sessenta e cinco réis, valor de fazendas. Saccador, Antão José Dias, de Vianna do Castello. **Não sendo encontrado o acceltante, foi intimado na pessoa de seu empregado Francisco Dias de Moura, o qual respondeu que não pagava a letra porque seu amo se havia ausentado sem lhe deixar ordem alguma sobre ella.**

Quadragesimo oitavo—Protesto d'uma letra de quarenta e seis mil quatrocentos noventa e cinco réis, valor por saldo de contas, feito em dez de setembro de mil oitocentos oitenta e oito. Saccadores, Miguel Faria Lopes Santos & Companhia, do Porto. **Não sendo encontrado o acceltante, foi intimado na pessoa de seu dito empregado Moura, o qual respondeu que não acceltava nem pagava a letra porque o saccador Fernando de Vilhena se ausentara d'aquí sem lhe deixar instruções ou qualquer ordem sobre ella.**

E' o que consta dos respectivos registos.

Mais certifico que nenhum outro protesto de letra encontrei contra o referido Fernando de Vilhena; e fiz passar a presente certidão á vista dos mencionados livros de registo, aos quaes me reporto e que ficam archivados em meu poder e cartorio. Dada e passada na cidade e comarca de Aveiro aos oito dias do mez de maio do anno de Christo de mil oitocentos oitenta e nove. Eu Antonio Augusto Duarte Silva subcrevo e assigno.

Antonio Augusto Duarte Silva.

Voltaremos ao assumpto.

O ASSASSINO MOURA

Ainda não foi julgado este illustre membro da companhia dos malandros, queremos dizer, este illustre firminista.

Porque este sujeltinho é outra prova da degradação, da patifaria, da infamia dos

firminos. Uns malandros que se delectam com a camaradagem d'um assassino! Uns malandros que se andam a rojar por ahí aos pés de toda a gente para livrar um grande tratante do castigo que merece!

E hão de consegui-lo. Hão de consegui-lo porque o jury, que condemnou Bichão, não pôde deixar de absolver um assassino. Porque os Borrallhos não podem nem devem deixar de proteger um camarada e amigo. O dever de camaradagem é dos mais sympathicos e mais nobres d'esta vida!

Vamos! O pae d'aquelle menino virtuoso que, como delegado do procurador régio em Ovar, praticou toda a casta de prepotencia para servir os firministas, já o teve escondido em casa. O tio do regedor de Cacia é o protector nato do malandro.

Vamos lá, meus senhores, é engulir a pilula e pôr o homem na rua. O pae, aquelle que a opinião publica accusa de crimes monstruosos, diz por ahí: «O meu filho não soube fazer a coisa. Se elle soubesse...»

Hein, se elle soubesse! Se elle seguisse o exemplo do papá?

Vamos lá, senhores sachristães, srs. Borrallhos, srs. Brandões, srs. Borrallhos todos para dizer tudo, vamos lá, ponham o homem na rua. Ou, pelo menos, dêem-lhe por provado o bom comportamento anterior!

Vamos lá, percam os escrúpulos e sejam bons firminos.

Que nós ficamos esperando.

ABILIO DAVID

D'este nosso amigo recebemos a seguinte carta, que depois comentaremos:

Meu caro amigo.

Já deve saber pelos diários de Lisboa, que me despedi de director e redactor principal da *Sentinella da Fronteira*. Como o *Povo de Aveiro* é o jornal cujos principios politicos mais me têm satisfeito os meus ideaes, pelo que sempre tenho estado ao lado d'elle em todos os campos, julgo-me no dever de dar algumas explicações, que ponho á esclarecida apreciação do meu illustre amigo, e do publico que o lê.

Despedi-me de director e redactor da *Sentinella da Fronteira*, porque, tendo sempre julgado o seu proprietario um homem serio e digno, acabei agora por me convencer que elle não tem seriedade nenhuma.

A *Sentinella da Fronteira*, segundo corre no publico, como o meu presado amigo tem tido occasião de ouvir, foi adquirida, directa ou indirectamente, pelo sr. Hintze Ribeiro, ou pelo *Seculo*, que tudo é a mesmíssima coisa. E' mais um d'aquelles tantos actos de *chantage* que pessoas de consideração ha muito me diziam, e ao meu amigo, serem commettidos pelo proprietario da *Sentinella da Fronteira*.

Repugnou-me sempre acreditar, como sabe, em taes coisas; mas hoje, obrigado a render-me á evidencia, sigo o caminho que em semelhantes casos seguem todos os homens de bem, repellindo altivo e dignamente a camaradagem de uns biltres que eu suppunha serem honestos.

E commigo, saem os srs. Alberto David, Fernando Mendes e Fernando d'Aquino.

De V., etc.

Lisboa, 16 de maio de 1889.

Abilio David.

Por absoluta falta d'espaco não podemos hoje accentuar outra vez a illegalidade de todo o julgamento de Bichão e o revoltante facciosismo que em todo elle se manifestou.

Pelo mesmo motivo retiramos outros artigos importantes.

Infelizmente o Povo de Aveiro não é elástico, materialmente falando. Bem desejariamos em certos dias que o fosse!

OS RELIGIOSOS

Na tarde do penultimo sabbado, 11 do corrente, praticou-se em Ilhavo um crime horroroso de assassinato, que impressionou toda a população da villa. O facto, pouco mais ou menos, conta-se assim:

Em uma rua da villa conversava Manuel Dias, o Moleiro, com uma rapariga que ia desposar breve. Proximo moravam dois velhos conhecidos pelos Carranchos, de 70 a 75 annos de idade, a quem os rapazes que frequentam a escola primaria da villa costumavam fazer arrelhar, ao sair da aula, gritando ao passarem-lhe á porta:

As irmãs da caridade,
Pum!...

Os homem iam ás nuvens com o tal Pum! e corriam atraz do rapazio, ameaçando-o

No sabbado um dos velhos, exasperado com a brincadeira, sahiu á rua e dirigiu aos rapazes as maiores grosserias e obscenidades. Manuel Dias reprehendeu severamente o velho pela sua linguagem desbragada e affrontosa da moralidade publica. O velho não gostou da reprehensão e zás! lançou-se ao Dias, engalfinhando-se os dois.

A este tempo o outro Carrancho sabe de casa com uma comprida navalha de ponta e molla e vibra um profundo golpe em Manuel Dias, no lado esquerdo do abdomen, fazendo-lhe sahir os intestinos. O pobre rapaz nem tempo teve para soltar um gemido! A facada fóra dada com mão de mestre, sendo a morte instantanea.

Consummado o crime, o covarde assassino ponde evadir-se e ainda até hoje não foi capturado, correndo ácerca do seu paradeiro diversas versões. O outro irmão, o aggressor, deu entrada na cadeia d'esta cidade no domingo.

O rapaz assassinado tinha 21 annos de idade e era filho de José Dias, o Moleiro.

O nosso collega Districto de Aveiro dá as seguintes informações a respeito dos criminosos:

«Notas importantes:

Ambos os Carranchos orçam por 70 a 75 annos de idade. São lavradores, assim como o era o assassinado.

A sua casa foi ha pouco avaliada em 19 contos de réis. Com esta bella fortuna, são tão miseráveis, que vivem na maior das immundicias.

Uma pessoa limpa, horrorisa-se ao entrar em casa d'elles.

Para nada gastarem, nem creado nem creada teem, e vivem completamente sós.

Para nada querem saber da religião nem do culto catholico.

A sua vida é de perfeitos animaes irracionais, e não fazem bem a ninguem.

São mal queridos e até odiados na sua terra.»

O que o nosso collega se esqueceu de notar foi que se os mariolas para nada querem saber da religião nem do culto catholico, nem por isso deixam de se dizer profundamente religiosos e catholicos. O collega queria dizer, sem duvida, que os tratantes não cumprem nenhum dos preceitos da Virtude, nem do Bem. Mas isso é a regra geral de todos os beatos!

Aqui tem o povo mais dois exemplares d'esses santos crenetes da religião, que não cessam d'accusar os outros d'atheus e de pedreiros livres! Os atheus e os pedreiros livres professam geralmente a religião da honra. Os religiosos, isto é, os Vilhenas, os

Manueis Firminos, os Manueis Ceguinhos, os padres Rodrigues e Ferreiras, os Chiteiros, os Borrachos, os Carranchos, etc, professam a religião do roubo, da desmoralisação e do assassinato. E' a differença que ha!

Se esses miseráveis Carranchos, esses vis assassinos tivessem assistido ao julgamento de qualquer cidadão honesto que não houvesse tirado o chapéo na passagem d'uma cruz, vê-los-hiamos applicar todo o rigor dos codigos ao pedreiro livre e ao atheu. Mas, por isso mesmo, nós havemos de vêr tambem o juiz da comarca, o agente do ministerio publico, os Brandões, os Borrachos e os sachristães, que condemnaram Bichão, batotando com a justiça para salvar o covardissimo e infamissimo assassino Carrancho.

Se na nossa terra são os innocentes e os homens honrados que vão para a cadeia, enquanto os grandes tratantes, os grandes assassinos e os grandes ladrões passeiam impunes!

Não importa. Somma e segue. A hora da justiça ha de chegar.

Carta da Bairrada

Maio, 18.

A situação vinicola na Bairrada não melhorou durante a semana, antes se vae aggravando com o estado anormal em que se mantem a praça do Porto, que era um dos mercados que dava mais facil sahida, desde ha annos, aos vinhos d'esta região.

A paralisação completa de transacções está affectando dia a dia, d'um modo grave, a classe dos lavradores da Bairrada—dos que não comem do orçamento, que vivem do producto que auferem das suas vinhas, e estas correndo o risco de se perderem com a invasão phylloxera, já mal lhes dão para os amanhos e para uma parca sustentação individual, que fará se o vinho não fór procurado e vendido nas epochas proprias em que os lavradores precisam de meios para as suas despesas?!

No entretanto, o governo, este nefasto governo que tem sempre cedido, não quer d'esta vez ceder, escudado na confiança da corôa e nas votações numericas das duas casas do parlamento.

Não cede, mas ha de cahir, porque só cabindo haverá alguma esperanza de ser annullado o malfadado contracto de 15 de março que tem produzido a paralisação de transacções no mercado do Porto, de que tanto se queixa a Bairrada.

Falla-se em que vão realisar-se comicios de lavradores no concelho de Cantanhede e Mealhada para reclamar contra este estado de cousas. Ha mais tempo que a Bairrada se devia ter revoltado contra o espirito monopolista que presidiu á celebração do inqualificavel contracto de 15 de março. A Bairrada devia desde sempre collocar-se do lado dos negociantes do Porto, a quem deve uma parte importante da sua prosperidade, e que se vêem ameaçados hoje nos seus interesses pela concessão de privilegios e auctorisações illegaes a companhias monopolistas. Se a Bairrada não lavrar um protesto eloquente contra o que se está passando em desabono e prejuizo do commercio exportador de vinhos do Porto e Gaya, commette um crime de leso patriotismo e deixa de zelar os seus mais caros interesses. O protesto dos lavradores da Bairrada não fará cahir o governo, mas será tanto mais significativo, quanto parte d'uma localidade que tem sido até aqui considerada um burgo enfeudado á politica e aos caprichos pessoases dos mandões progressistas.

Noticiario

POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Começou na segunda-feira o córte nos predios da rua da Costeira. Por esse motivo está impedido alli o transito publico.

Os trabalhos seguem com a maxima actividade.

Visitou-nos um novo collega, que tem por titulo—*Correio de Alcobaca*. E' um semanario bem redigido e nitidamente impresso em excellente papel.

Desejamos-lhe todas as prosperidades.

Noticiam de Santo Thyrsos que a pacatez e o socego d'esta villa estão interrompidos de ha muito para cá. Desde a 1 hora da madrugada até pela manhã, bandos de mulheres fanatisadas, capitaneadas pelo missionario Couto, andam em alta grita a cantar umas orações que o masmarro lhes vende; e tal barulho fazem que não deixam dormir quem tranquillamente repousa em sua casa.

Em uma das noites passadas alguns individuos sahiram para a rua e acompanharam o farrancho beato com assobios, rufos de tambor, toque de pratos, um charivari medonho.

Não ha auctoridades civis que ponham cobro a semelhante pouco vergonha; o abbade não se importa porque naturalmente é tão bom como o missionario; vão requerer ao cardeal-bispo do Porto... Estão arranjados com as providencias que elle ha de dar. Se é tudo a mesma gente...

Concluindo, o *Campino* aconsella um remedio efficaz: em outra noite, srs. thyrsenses, sigam o farrancho e rufem, não em tambores, mas nas costas do masmarro e das beatas, e as baquetas, á falta d'outra coisa melhor, podem ser valentes marmelleiros ou carvalhos cerquinhos. Uma *rufadella* em termos, a valer, durante uma ou duas noites, ha de produzir resultados efficassimos.

Ora experimentem, experimentem.

Fizeram-se no domingo, com bom resultado, novas experiencias dos extinguidores de incendios Lewis.

Averiguou-se que o invento, bem applicado, é um auxiliar poderoso para combater o fogo.

Uma importante casa allemã projecta ensaiar em grande escala a cultura da beterraba no concelho de Barcellos, para o que está já tratando de adquirir terrenos apropriados.

Falleceu no dia 15 de abril findo, no hospital maritimo de Santa Isabel, no Rio de Janeiro, victima de febre amarella, o portuguez Manuel Nunes Carlos, tripulante da barca *Triumpho*, da praça do Porto.

O fallecido tinha 20 annos de idade, era solteiro e natural de Ilhavo.

Diz um jornal inglez que é actualmente grande moda entre as senhoras de Londres fumar umas cigarrilhas especiaes de folhas de chá finissimo, habilmente preparado para este uso.

Registrou-se civilmente, na administração do bairro oriental do Porto, o nascimento d'uma filha do sr. Luiz Soares. A creança recebeu o nome de Sophia.

A Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas acaba de ser contemplada com a quantia de 200.500 réis, fortes, vindos do Pará. Este importante donativo foi angariado entre os nossos compatriotas residentes n'aquella cidade pelo sr. Ignacio Marqués da Cunha, a pe-

didado da direcção da Associação Aveirense.

Bem hajam todos os que trabalham em prol de tão sympathica e beneficente instituição e todos os que concorrem para a sua prosperidade.

Segundo diz uma folha de Pariz, a luz do pharol da assombrosa torre Eiffel é tão intensa que se vê a uma distancia de 160 kilometros.

O pharol é accêso todas as noites.

Com o titulo de *Doenças secretas—Maneira de as curar sem auxilio de medico*, apparecerá brevemente á venda um pequeno livro, escripto em estylo facil, pelo dr. R. Sepulveda, o qual contém a descripção minuciosa de todas as molestias venereas e syphiliticas, —causas e symptomias, nos individuos de ambos os sexos,—e um desenvolvido formulario com mais de 100 receitas, aconselhadas pelos medicos especialistas.

E' um livro muito util e instructivo.

Custa 200 réis, tendo desconto para revender. Os pedidos devem ser dirigidos a Julio Flavio, Cantanhede.

Morreu em Lisboa o sr. Eduardo Coelho, um dos proprietarios do *Diario de Noticias*.

Era homem bondoso e muito trabalhador.

Durante dez annos foram destruidos pela phylloxera 80.000 hectares de vinha, em Hespanha. Isto representa um prejuizo de muitos milhões de pesetas.

Uma folha estrangeira dá a seguinte curiosa estatistica ácerca dos emigrantes da Europa: — Ha 4.200.000 inglezes e irlandezes fóra do sólo patrio; 2.600.000 allemães; 1.077.000 italianos; 750.000 scandinavos; 450.000 hespanhoes e portuguezes; e 300.000 francezes.

Durante o corrente mez de maio procede-se ao aflamento de pesos e medidas no concelho de Aveiro.

Foi o grande estadista portuguez Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, o iniciador dos certamens do trabalho chamados exposições. A primeira exposição que se fez, realisou-se em Lisboa, pela iniciativa do patriotico estadista, no reinado de D. José I.

Em 1796, no 6.º anno da Republica Franceza, realisou-se no Campo de Marte a primeira exposição dos productos da industria de França. O Directorio, sob as indicações do relatorio de Neufchâteau, ministro do interior, decretou que se fizessem exposições periodicas em França.

O palacio construido para aquella primeira exposição franceza, teria apenas a capacidade d'um dos numerosos armazens que Pariz hoje possui.

O numero dos expositores foi apenas de 110, aos quaes se distribuiram, após cinco dias que durou a exposição, 23 recompensas.

D'então para cá as exposições em França teem seguido marcha progressiva, contando-se até hoje em Pariz quinze d'esses certamens do trabalho.

Em 1855 realisou-se em Pariz a primeira exposição internacional ou universal, para a qual se edificou o palacio da Industria, que ainda se vê nos Campos Elyseos, e que depois tem servido a grande numero de exposições diversas. Comquanto tivesse a superficie de 56.000 metros quadrados, aquelle palacio foi insufficiente, sendo necessario construir annexos n'uma extensão superficial de 20.000 metros.

O numero de expositores francezes e estrangeiros em 1855 foi de 9.237.

Quanto ás exposições universaes que depois se realisaram no

Campo de Marte, em 1867 e em 1878, contaram-se alli perto de 20.000 expositores.

Pois a exposição que agora se inaugurou em Pariz promete deixar a perder de vista todas as anteriores não só de França, mas dos demais paizes.

Eis os preços porque correm no nosso mercado os seguintes generos:

Felção branco (20 litros)...	940
Dito vermelho.....	700
Dito laranja.....	18160
Dito manteiga.....	840
Dito amarello.....	800
Milho branco.....	600
Dito amarello.....	580
Trigo.....	900
Oros (cento).....	900
Azeite (10 litros).....	18850
Batatas (15 kilos).....	300

PUBLICAÇÕES

— REVISTA POPULAR DE CONHECIMENTOS UTEIS.—Sumario do n.º 50:

O Galor (II); dr. Pereira da Costa; Doenças dos cereaes; Nova origem electrica; Cidades de Monchique; Barba phenomenal; Historia da Rosa; O Azeite; A falsificação das substancias alimentares (Continuação); Conselhos aos operarios (VI, Conclusão); Nova falsificação do café em Allemanha; Os tapetes em Philadelphia; Novo Emeril; Mastique de glicerina; Fogos de Bengala; A agua quente e as plantas.

— MYSTERIOS DAS GALÉS, por Jules Boulbert.—Gaderneta n.º 22. Editores, Belem & C.ª; Lisboa, rua do Marechal Saldanha, 28.

— OS AMORES DO ASSASSINO, por M. Jogand.—Gaderneta n.º 69. Editores, Belem & C.ª

— A ILUSTRACÃO PORTUGUEZA, revista litteraria e artistica.—N.º 33, do 5.º anno. Assigna-se na travessa da Queimada, 35, Lisboa.

— O MUNDO ELEGANTE, mensageiro semanal illustrado de modas, elegancia e bom tom.—N.º 19, do 3.º anno. Correspondencia ao gerente Antonio de Souza, rue Condorcet, 72, Pariz.

Contra a debilidade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco, Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

Annuncios

AO PUBLICO

QUAQUIM DIAS DE ABRANTES dá parte aos seus freguezes e ao publico, a quem convida a visitar o seu estabelecimento, que acaba de receber um variado sortido de fazendas, proprias para a presente estação, as quaes vende por preços commodos. Tambem recebeu um variado sortimento de chales, de gostos modernos, tanto nacionaes como estrangeiros, que egualmente vende por preços convidativos.

Travessa dos Mercadores, 7 e 11 — Aveiro

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

UNICA legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João B. Ricardo Ribeiro Junior.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer— O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer— Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remédio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer— O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER— Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

É um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis. Os representantes **JAMES CASSELS & C.ª**, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodosos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

Historia do Municipalismo em Portugal

ESTÃO publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defesa da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras. Collaboram neste trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importancia.

A parte narrativa é reforçada com a transcrição de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archivos, alguns dos quaes vêem a luz publica pela primeira vez. O preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 13500 réis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas. Recebem-se assignaturas na sede da *Bibliotheca Historico-Portuguesa*, Lisboa, rua de S. Bento, 260, onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilizar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio **NAL**, 56 A 64, LISBOA, e filial no **PORTO**, FEIRA DE S. BENTO, 33 A 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola. **SATISFAZ** todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas. **ENVIA** em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares. **OS COMMERCIAENTES** que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **É NEGOCIO EM QUE HA TUDO A GANHAR E NADA A PERDER!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8:000.000**. Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartos a 1200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, teem de tirar uma licença que nas provincias é de 15500 réis por anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20).

O cambista **ANTONIO IGNACIO DA FONSECA** promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para vender. Pedidos ao **CAMBISTA**
ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
56 — RUA DO ARSENAL — 64
LISBOA

MANUAL DE MEDICINA POPULAR

A medicina ao alcance de todos sem auxilio de medico

VAMOS encetar a publicação d'uma obra que, como outras editadas por esta empreza, é destinada a um fim de alta conveniencia e utilitarismo publico, o qual é habilitar os possuidores do «Manual de Medicina Popular» a conhecer as doencas pela descripção mais simples dos symptomatos que lhe determinam o prognostico, e dos medicamentos de mais facil acquisição e efficacia para combater as mesmas doencas.

O «Manual de Medicina Popular» é escripto por um distincto medico da capital cuja proficiencia garante aos possuidores d'esta obra a exacta descripção de todas as doencas e os remedios que se lhe antepõem, com a vantagem de poderem ser manipulados por qualquer pessoa, desde que sejam seguidas estritamente as indicações estipuladas no formulario de receitas.

Com esta publicação, a primeira que no seu genero se leva a effecto em Portugal, julgamos prestar um relevantissimo serviço aos habitantes das povoações onde não ha medico, proporcionando-lhe meio seguro de tratamento de todas as enfermidades de que possam ser acommettidos, sem que para isso seja necessaria a immediata consulta de facultativo.

O «Manual de Medicina Popular» será em tal caso um conselheiro lealissimo, tão leal como o mais habil e desinteressado clinico; e por esse mesmo motivo a sua existencia no seio de cada familia é absolutamente imprescindivel.

O «Manual de Medicina Popular» divide-se em 2 volumes nos quaes trata das principaes doencas que affligem o corpo humano.

O preço da assignatura é de 700 réis por volume, pagamento adiantado; e a sua distribuição será feita quinzenalmente, em fasciculos de 64 paginas em cada quinzena.

Em virtude do contrato feito com o auctor a tiragem é limitada a determinado numero de exemplares; e por isso só poderá ser adquirida por assignatura, dado o caso que o numero de assignantes se eleve ao numero de exemplares estipulados no referido contrato.

Todos os pedidos de assignaturas devem ser feitos para o escriptorio da empreza editora, rua de S. Bento, 260 — Lisboa.



CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL JAMES **UNICO** legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e aprovado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

O Recreio

Revista semanal litteraria e charadistica
Está em publicação a 7.ª série, formando cada série um grosso volume completamente independente. Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 réis. Provincias: cada trimestre (13 numeros), 300 réis. Semestre (26 numeros), 580 réis. Para a provincia o pagamento é adiantado. Consideram-se como correspondentes as pessoas que se responsabilisarem por qualquer numero de assignaturas.

A comissão aos srs. correspondentes é de 20 p. c. e toda a pessoa que obtiver 10 assignaturas realisaveis tem direito a 1 exemplar gratis. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor João Romano Torres, rua Nova de S. Mamede 26—Lisboa.

REGULAMENTO DA

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL **APPROVADO POR DECRETO DE 27 DE DEZEMBRO DE 1888**

Com as respectivas tabellas *Emendado segundo os «Diarios do Governo» n.ºs 3, 5 e 8* **PREÇO 100 RÉIS**

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria **CRUZ COUTINHO**, editora, rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA DE OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos. **A COMPANHIA SINGER**, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da **SÓLIDA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO** das suas machinas de costura.

A prestações de 500 réis semanaes e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 = RUA DE JOSÉ ESTEVÃO = 79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

BELEM & C.ª

Empreza editora—*Serões Romanicos*—Cruz de Pau, Lisboa

MYSTERIOS DAS GALÉS

Ultimo e o melhor romance de JULES BOULABERT
VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES
Edição ornada com magnificas GRAVURAS e excellentes CHROMOS a finissimas cores
Brinde a todos os assignantes no fim da obra — **UM ALBUM DE COIMBRA.**

BRINDE EM OURO—100\$000 réis em tres premios da loteria de Madrid que a empreza fixar, para o que cada assignante receberá opportunamente uma cautella com cinco numeros.

CONDICOES DA ASSIGNATURA

Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folhas de 8 paginas, 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias e á custa da empreza. Cada volume brochado 450 réis.

EDIÇÃO MONUMENTAL

Historia da Revolução Portugueza de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha
4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 36 fasciculos d'esta obra e o 2.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores **LOPES & C.ª**, successores de **CLAVEL & C.ª**—119, rua do Almada, 123, Porto.

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

Pará, Maranhão, Ceará, Manáus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul

Passagens a 9:000 RÉIS para o Rio de Janeiro e Minas Geraes

Dão-se passagens GRATUITAS a familias completas de trabalhadores do campo, que queiram ir para diferentes provincias do BRAZIL, indo completamente livres.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com **MANUEL JOSÉ SOARES DOS REIS**.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos

Typ. do «Povo de Aveiro»